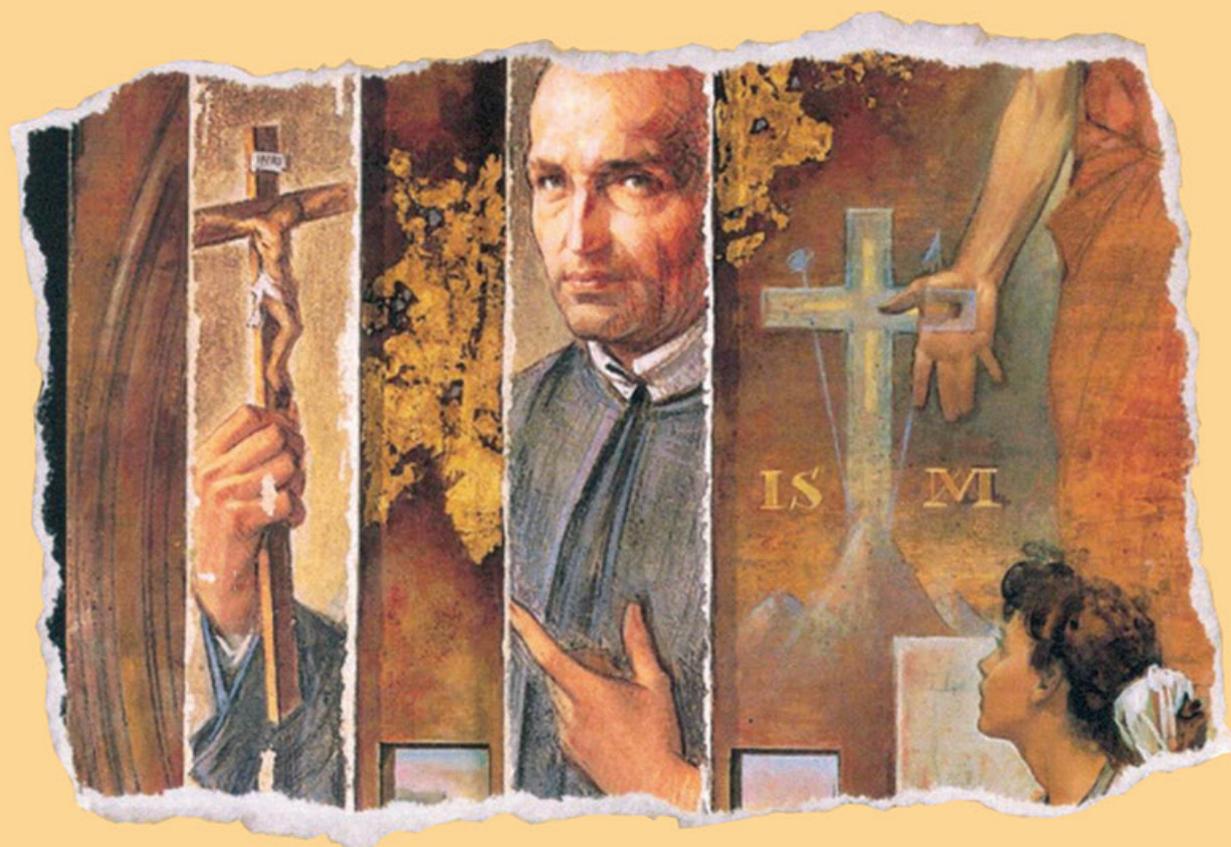


FASE I – DOCUMENTO DE TRABALHO

XXVI CAPÍTULO GERAL 2022



Copiosa Apud Eum Redemptio

CONGREGATIO SANCTISSIMI REDEMPTORIS



1º de outubro de 2021
Prot. No. 0000 155/2021

Estimados confrades, irmãs e associados leigos na missão,

No início deste mês de outubro, dedicado à missão, envio-lhes mais uma vez minhas saudações em nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Unidos à Igreja universal, com alegria e esperança, perseveramos em nosso testemunho do Redentor neste mundo ferido.

Anexo a esta carta poderão encontrar o documento de trabalho para a Fase I do 26º Capítulo Geral, que será celebrado no nível das Conferências entre janeiro e junho de 2022. Como bem sabem, a Fase I prepara a Congregação para a celebração da Fase Canônica, que terá lugar em Roma, de 11 de setembro a 7 de outubro de 2022.

A preparação do Capítulo Geral, e deste documento de trabalho, teve início há mais de um ano, com uma consulta geral à Congregação, que no princípio envolveu cada superior (vice-) provincial e regional e seus conselhos, os coordenadores e seus conselhos, e o Conselho Geral. Essa consulta global estendeu-se depois a todos os confrades e comunidades, bem como a nossos associados leigos na missão e às religiosas que trabalham conosco. A comissão preparatória central preparou quatro vídeos com reflexões e perguntas sobre a nossa vida apostólica hoje. As comissões preparatórias de cada Unidade, por sua vez, prepararam uma síntese das respostas recebidas, que foi enviada a Roma.

O Governo Geral e a comissão preparatória central sentem-se profundamente agradecidos pela cooperação e a participação de tantos de Vocês durante esse processo. A reflexão séria na qual Vocês tomaram parte contribuiu em grande medida para a qualidade das respostas. A comissão preparatória central recebeu centenas de páginas de material para seu estudo e reflexão. Muito obrigado por participarem desta "caminhada sinodal" rumo ao nosso 26º Capítulo Geral.

Esse processo de consulta e a volumosa participação fizeram aflorar interrogações e preocupações muito variadas. Algumas delas devem ser tratadas no nível da Unidade ou dentro da Conferência, mas muitas outras tocam a vida Apostólica da Congregação no nível mundial. Depois de muitas reflexões e discussões, de consultas com o Conselho Geral e os coordenadores das Conferências, e considerando os contextos dentro dos quais vivemos e exercemos nosso ministério hoje, a comissão preparatória central conseguiu elaborar o documento de trabalho para a Fase I que hoje lhes apresentamos.

Conscientes de que o 26º Capítulo Geral não pode responder de maneira adequada ou realista a todas as questões e preocupações, a comissão preparatória central identificou alguns temas-chave. Esses temas constituem as áreas que o Capítulo Geral e a Congregação precisam abordar dentro do contexto de nossa participação na Missão do Redentor no mundo ferido de hoje. Na Fase I do Capítulo Geral, os delegados continuarão o processo de discernimento sobre essas questões relevantes.



É importante que todos nós compreendamos que o Capítulo Geral toca a vida de cada confrade e de cada comunidade, assim como a das religiosas e dos leigos associados que compartilham de nossa missão. Por essa razão, o documento de trabalho é dirigido a todos, e não somente aos delegados da Fase I. Suas reflexões, perguntas e propostas ajudarão os delegados da sua própria Unidade a preparar-se para a Fase I em cada Conferência, enquanto juntos avançamos em nosso processo de discernimento.

Por isso, peço a todos os superiores maiores e regionais, junto com os vogais eleitos que favoreçam a reflexão e discussão sobre o documento de trabalho em cada comunidade, tarefa que deve ser realizada antes da Fase I da própria Conferência. Se for possível, encorajo os superiores e vogais a visitar pessoalmente as comunidades. Não obstante, este encontro também poderia ser organizado utilizando meios digitais. Esses encontros permitirão aos delegados refletir o pensamento de todos no processo de discernimento, enquanto os delegados da Fase I preparam a agenda para a Fase Canônica do Capítulo Geral em setembro próximo.

Enquanto Vocês leem essa carta, recordamos que o Papa Francisco convocou o XVI Sínodo ordinário dos bispos, com o tema: "Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão". Escreve o Santo Padre: "O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio". E Francisco acrescenta: "É impensável uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus". O que o Papa Francisco diz da Igreja e de sua missão aplica-se também à nossa Congregação e ao Capítulo Geral. Até este momento, a participação ativa de cada um de Vocês neste processo de discernimento tem sido muito importante. Continuamos precisando de sua participação ativa para prosseguir nas próximas etapas de nosso discernimento, e poder assim responder de verdade ao chamado que o Espírito Santo faz à Congregação em nosso mundo ferido de hoje.

Que nossa Mãe do Perpétuo Socorro, Santo Afonso, São Clemente, São Geraldo, São João Neumann e todos os nossos santos predecessores da Congregação nos acompanhem nesta viagem que juntos estamos empreendendo.

Irmão em Cristo Redentor,

Michael Brehl, C.Ss.R.
Superior Geral



DOCUMENTO DE TRABALHO PARA A PRIMEIRA FASE DO 26º CAPÍTULO GERAL

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: NOSSA SITUAÇÃO

A) TESTEMUNHAS DO REDENTOR, SOLIDÁRIOS PARA A MISSÃO EM UM MUNDO FERIDO

Um tempo de desorientação

O Espírito nos chama

O contexto global da missão para a Congregação hoje

1. Uma era de pandemia
2. A atual crise do meio ambiente
3. Racismo, Pós-colonialismo, Neocolonialismo, Machismo
4. A contínua expansão da urbanização
5. As migrações
6. O auge do secularismo e a secularização na sociedade
7. Mudanças na Igreja universal
8. A perda de credibilidade da Igreja

Implicações

B) O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO: 30 ANOS...

CAPÍTULO II: ALGUNS DESAFIOS

A) As diversas fragilidades

B) Solidariedade missionária

1. Processo de discernimento
2. Missão
3. Formação
4. Finanças
5. Pessoal

C) Tensão entre prioridades missionárias e apostólicas

- D) Formação inicial e contínua
 - 1. Formadores
 - 2. Formação para uma Congregação internacional e uma missão global
 - 3. Sistemas fechados de formação
 - 4. Ano pastoral
 - 5. Formação de formadores
 - 6. Formação permanente para a vida comunitária
 - 7. Formação permanente
 - E) Estruturas e formação de líderes
 - F) A vocação do Irmão redentorista
 - G) Em Missão Compartilhada
 - H) A realidade eclesial e o nosso testemunho
 - I) Recuperar nosso ardor missionário
- E depois?

CAPÍTULO III: REIMAGINAR A CONGREGAÇÃO PASSOS PARA CONSOLIDAR O PROCESSO

- A) REIMAGINAR A NOSSA IDENTIDADE REDENTORISTA
 - 1. O mundo
 - 2. Agentes da Missão
 - 3. Solidariedade
- B) REIMAGINAR A NOSSA IDENTIDADE REDENTORISTA ATRAVÉS DAS LENTES DA REESTRUTURAÇÃO
 - 1. Revitalizar a vita apostolica da Congregação (cf. Const. 1)
 - a) Um novo estilo de vida consagrada com novos métodos missionários
 - b) Uma nova presença missionária
 - i) Na localização de nossas comunidades redentoristas
 - ii) Na renovação e criatividade de nossos métodos missionários
 - iii) Em missão compartilhada
 - 2. Solidariedade com o mundo ferido
 - 3. Formação para a missão em uma Congregação reconfigurada
 - 4. Governo e administração
 - Nova liderança no nível Geral, da Unidade e Local
 - 5. Plano Apostólico e de Reconfiguração

DOCUMENTO DE TRABALHO PARA A PRIMEIRA FASE DO 26º CAPÍTULO GERAL

Introdução

1. Este documento é o resultado de um longo trabalho de preparação em vista do 26º Capítulo Geral. Este trabalho contou com a participação do Conselho Geral, das Conferências e das Unidades mediante questionários especiais, e foi enriquecido com as contribuições dos confrades e dos leigos que tiveram a oportunidade de dialogar sobre o material audiovisual elaborado pela Comissão Preparatória.

2. A finalidade deste itinerário é a prevista pela Constituição 107: "Compete ao Capítulo geral cuidar da vida apostólica de todo o Instituto, fortalecer os laços que unem entre si as suas partes e promover a adaptação das instituições da Congregação e das normas de vida às necessidades da Igreja e dos homens". E a Const. 106 convida a um "acurado exame": "Para poder cumprir devidamente tão grave encargo, o Capítulo geral submeterá a acurado exame o estado da Congregação, indagando se ela permanece fiel à própria missão, de acordo com o espírito do Fundador e as legítimas tradições e se ela tem se mostrado sempre dócil à voz de Deus, que a interpela continuamente no mundo e na Igreja".

3. O documento se dirige, portanto, a todos os confrades, para que o Capítulo Geral seja um acontecimento significativo para cada confrade e, em geral, para toda a nossa grande família redentorista. Todos somos convidados à voltar à fonte da nossa vocação para dar um novo impulso à nossa missão. Pois "os Redentoristas têm na Igreja, como sua principal missão, a proclamação explícita da palavra de Deus para a conversão fundamental" (Const. 10).

4. Portanto, com este documento nos propomos oferecer, à luz das reflexões recebidas, um quadro da situação na qual atualmente vive e atua a Congregação com o fim de dar um novo impulso à sua missão na Igreja e no mundo de hoje.

CAPÍTULO I

NOSSA SITUAÇÃO

A) TESTEMUNHAS DO REDENTOR, SOLIDÁRIOS PARA A MISSÃO EM UM MUNDO FERIDO

5. O 25º Capítulo Geral fixou como tema da Congregação para o sexênio 2016-2022 “Testemunhas do Redentor, solidários para a missão em um mundo ferido”. As respostas ao questionário para a preparação do Conspectus Generalis para o 26º Capítulo Geral deixaram muito claro que o tema tocou o coração da grande maioria dos confrades e dos colaboradores leigos do mundo inteiro.

6. Como Redentoristas, cremos que o mundo em que vivemos e ao qual somos enviados é fundamentalmente bom, porque foi criado por Deus e redimido por Jesus Cristo, embora não possamos nem queiramos fechar os olhos diante da pobreza e do sofrimento de tantos de nossos irmãos e irmãs de hoje. Ao prepararmos as apresentações em vídeo para o processo de consulta do próximo Capítulo Geral, vimos numerosos exemplos de como o tema nos incentivou a abrir de novo os olhos para a dor que nos rodeia, a estender a mão e tocar as feridas dos que enfrentam a vida como uma luta e buscam alguém que os ajude a suportar sua dor. A última parte do presente sexênio tem sido, sem dúvida, um momento extraordinário na história moderna de nosso mundo. Nunca na memória viva o mundo foi ferido na medida em que o foi pela chegada do vírus Covid-19. Nunca na história moderna se viu tal devastação em nosso mundo. Nem sequer as grandes guerras dos últimos séculos tiveram o impacto global que teve o Corona vírus. Quando os membros do Capítulo se reuniram em Pattaya, Tailândia, em outubro/novembro de 2016, e escutaram o Cardeal Tagle partilhar o desafio aos discípulos de Jesus hoje para chegar a esse mundo ferido, ninguém previu a destruição que visitaria o nosso mundo no princípio da década de 2020.

Um tempo de desorientação

7. Enquanto nos preparamos para o 26º Capítulo Geral, estamos muito conscientes de que vivemos uma época de grande agitação. Enquanto as sociedades e os governos do mundo inteiro aprendem a conviver com essa nova ameaça para a saúde e a sobrevivência da humanidade, uma coisa está clara: não há volta atrás ao que muitos chamam de “vida normal”. A vida tal e qual a conhecíamos mudou. Se sairmos da atual pandemia, quando o fizermos, uma coisa é certa: a vida será diferente, não só quanto à forma de viver das pessoas, mas também quanto à missão da Igreja e da Congregação.

8. Embora talvez ainda seja cedo demais para falar de forma definitiva, podemos intuir que a pandemia da Covid-19 está atuando principalmente como um amplificador do que já estava ocorrendo em nosso mundo, em lugar de introduzir algo fundamentalmente novo. Entretanto, ao ressaltar certas realidades, a Igreja e a Congregação têm a oportunidade de reexaminar alguns de nossos pressupostos mais básicos sobre como participamos da

missão de Deus. Os diversos relatórios que recebemos das Unidades da Congregação em todo o mundo nos dizem que a pandemia estimulou uma enorme atividade local por parte das comunidades redentoristas, junto com nossos diversos sócios, num esforço para responder às necessidades das pessoas que encontramos e que cuidamos. Vimos as comunidades redentoristas abrindo suas portas para oferecer espaço aos que estão se recuperando da Covid, comunidades que criaram refeitórios para alimentar os trabalhadores da linha de frente, os pobres e os sem teto, comunidades que se tornaram centros de distribuição de medicamentos e oxigênio para os mais necessitados.

9. Mas os relatórios também nos dizem que a pandemia atuou como um freio em muitos aspectos de nossa missão, principalmente os relacionados com uma missão “em saída”. Em toda a Congregação, nossas igrejas e santuários fecharam suas portas. A reunião de pessoas e uma interação com elas, tão central em nossa missão como Redentoristas, cessou. Inclusive o simples ato de sorrir a alguém como forma de dizer “Sim, compreendo” nos foi negado porque nos cobrimos o rosto com máscaras. A pandemia também nos colocou muitas perguntas angustiantes sobre nosso papel atual e futuro como Congregação missionária. Levou-nos a fazer perguntas básicas sobre nossos métodos tradicionais de evangelização e sua relevância para o mundo em que vivemos hoje. A pandemia tornou a manifestar-nos a tensão entre o ministério sacramental e a projeção social, a tensão entre o ministro e o profeta. Tocou nossa própria identidade como Redentoristas. Ao mesmo tempo, a atual crise mundial nos patenteou a ação do Espírito de Deus em nosso mundo, um mundo fraturado pela enfermidade e o sofrimento, bem como pela injustiça e a desigualdade, multiplicadas tantas vezes pelas opções e ações humanas.

O Espírito nos chama

10. O Espírito de Deus age realmente de forma misteriosa. Sabemos por experiência que, embora as crises como a Covid-19 provoquem muito sofrimento, também podem dar lugar a mudanças e transformações sociais. Talvez possamos considerar a crise atual como uma oportunidade para fazer um balanço e “reimaginar” nossa missão de forma que seja, talvez, mais apropriada para este momento da história. Talvez estejamos chamados a “reimaginar” nosso carisma como um presente para as pessoas de hoje. Em 2032 – dentro de dez anos – celebraremos como Congregação os 300 anos de nossa existência na Igreja e no mundo. Ao longo desses três séculos, a Congregação viu-se obrigada às vezes a “reimaginar-se” à luz das mudanças significativas da história humana. Hoje, a geração atual dos Redentoristas enfrenta o mesmo desafio.

O contexto global da missão para a Congregação hoje

11. Mais do que nunca, a nossa é uma geração globalizada, consciente do panorama geral e capaz, até certo ponto, de refletir numa perspectiva global. Todavia, é preciso sempre ter presente que o local é sempre “excepcional”. Existe uma tensão: tentamos compreender o global e ao mesmo tempo aprendemos a escutar e prestar atenção à singularidade do local. Embora a pandemia da Covid-19 tenha sido de alcance mundial,

seu impacto e a resposta à mesma foram experimentados de maneiras muito diferentes, que fizeram da pandemia um fenômeno profundamente local.

12. É importante manter essa tensão global-local se quisermos evitar uma dependência desnecessária da análise que pode levar-nos a apoiar-nos na estratégia, o que por sua vez solapa a dependência de Deus e a escuta sensível do Espírito e do contexto local. Atualmente a população mundial é de 7,8 bilhões de pessoas, das quais mais de 50% vivem nas cidades, de classe média e maiores de 30 anos. Podemos dizer que temos uma população envelhecida, de classe média e urbana, porém essas cifras ocultam a enorme diversidade de contextos nacionais e locais. Essa diversidade ficou evidenciada no impacto da Covid-19 e na resposta à pandemia. Ao longo do ano de 2020, os cientistas trabalharam para encontrar uma vacina que respondesse à crise. Seus incansáveis e tremendos esforços deram seus frutos e no final de 2020 tínhamos grande variedade de vacinas. Contudo, uma vez mais, a política e a economia se impuseram, dando lugar a uma distribuição desigual das vacinas. Enquanto as nações ricas acumulam vacinas e planejam a retirada das mesmas, a grande maioria dos países pobres têm dificuldades para vacinar os mais vulneráveis.

13. Como foi dito acima, a pandemia da Covid-19 está agindo principalmente como um amplificador do que está ocorrendo em nosso mundo, em vez de introduzir algo fundamentalmente novo. Desde certo tempo somos conscientes de que existe uma crise de identidade humana, de quem somos perante Deus e os demais, e diante de nós mesmos. Há uma crise de respeito à dignidade humana desde o ventre materno até o túmulo. A pandemia escancarou essas crises. O Papa Francisco, escrevendo na Encíclica Fratelli Tutti, em pleno apogeu da pandemia em outubro de 2020, diz isso muito claramente:

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco (FT 30).

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que «a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parece aumentar até fazer pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso um cisma. (...) Porque uma coisa é sentir-se obrigado a viver juntos, outra é apreciar a riqueza e a beleza das sementes de vida em comum que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto” (FT 31).

14. A seguir, são expostas algumas das questões que surgiram nas respostas que recebemos das Unidades da Congregação. Ainda que nenhuma delas seja nova, e já as tenhamos abordado nos últimos anos, ganham maior importância quando as vemos através das lentes da atual pandemia da Covid-19.

1) Uma era de pandemia

15. Pode-se dizer que desde os últimos anos do século passado entramos numa era de pandemias, algumas novas, outras já conhecidas. O presente é, talvez, uma advertência do que está por vir. Este parece ser o pensamento dos cientistas. Como vimos, as pandemias não discriminam. Nós todos perdemos familiares, amigos, irmãos e irmãs durante a atual pandemia. Mas um dos principais efeitos do coronavírus é a forma como contribuiu para ampliar a brecha entre ricos e pobres em nível nacional e mundial. Embora a pandemia seja mundial, não foi sentida do mesmo modo por todos. O ano de 2020 foi o primeiro em décadas no qual se inverteu a tendência à diminuição da pobreza extrema. Essa tem sido uma realidade concreta em muitas de nossas Unidades, onde a resposta à pandemia manifestou o crescente número de pobreza, aqueles que lutam para sobreviver mais do que para viver.

2) A atual crise do meio ambiente

16. Nas últimas décadas tomamos consciência de que se aproxima uma catástrofe do meio ambiente. Em algumas partes do mundo isto se transformou numa realidade. As secas, o rápido aumento do aquecimento global e o conseqüente aumento das temperaturas extremas, os incêndios, as tormentas, as inundações, a subida do nível do mar e o desmatamento se aliaram para ameaçar a segurança alimentar e hídrica mundial e o espaço habitável. À medida que aumenta a consciência do povo sobre essa realidade, temos visto surgir em todo o mundo movimentos que expressam a necessidade de um novo modelo econômico que nos faça passar de uma economia de consumo a uma economia de produção sustentável baseada nas necessidades, na qual todos sejam beneficiados. O Papa Francisco pôs a Igreja no centro para responder a essa aterradora realidade e muitas de nossas Unidades, diretamente afetadas por essa realidade, procuram responder de maneira concreta e realista.

3) Racismo, Pós-colonialismo, Neocolonialismo, Machismo

17. O século XXI tem sido testemunha de um aumento da insegurança global que tem alimentado o advento de regimes populistas e autoritários. A Congregação está presente em muitos países onde esse fenômeno é uma realidade e tem de fazer frente às conseqüências desses regimes repressivos. As forças da globalização, sejam econômicas, sejam culturais, têm gerado uma contra-representação expressa no nacionalismo extremo, amiúde aliado ao radicalismo religioso. A oposição à globalização, vivida como uma forma de neocolonialismo, pode ser entendida como uma profunda luta pela identidade e a pertença. Em muitas partes do mundo, sobretudo no hemisfério norte, a xenofobia e o racismo se tornaram sérios problemas sociais que não raro desembocam em distúrbios sociais e violência. Temos visto em muitos países, e em todos os continentes, a rápida expansão dos movimentos que promovem as estruturas injustas que perpetuam a opressão e a eliminação das pessoas por motivos de raça e de cor da pele. A contínua discriminação e violência contra as mulheres e sua exclusão da sociedade em muitas partes do mundo e na Igreja é uma área de crescente preocupação.

4) A contínua expansão da urbanização

18. A rápida expansão da urbanização, sobretudo na Ásia e na África, junto com a desintegração das comunidades tradicionais e seus respectivos sistemas de apoio, tem provocado um aumento do isolamento e da marginalização. As cidades e as metrópoles, com seus bairros marginais e carentes de serviços sociais e de apoio, sofrem um aumento das guerras entre facções e da violência. O povo costuma viver com medo. Muitos se sentem isolados e sozinhos. No mundo inteiro existe uma grande preocupação pelo crescente número de pessoas com problemas de saúde mental. Neste ano dos Jogos Olímpicos de Tóquio vimos essa realidade manifestada por personalidades do esporte. Em muito dos relatórios que recebemos, isto surgiu como um problema em muitas de nossas comunidades onde os irmãos se sentem isolados e sós, e tiveram que cuidar também de sua saúde mental. Isto foi agravado pela pandemia da Covid-19.

5) *As migrações*

19. A contínua realidade dos deslocamentos e das migrações, tanto internas como globais, tornou-se um importante motivo de preocupação no mundo atual. Existe a busca de segurança, econômica ou de outro tipo, por parte de muitos diante do ressentimento de uns poucos. A construção de muros e o reforço das fronteiras, para manter as pessoas fora, veio a ser a resposta de muitos governos nacionais. O impacto da migração nos países dos quais procedem os emigrantes e nos países receptores tem graves implicações para o futuro da humanidade.

6) *O auge do laicismo e da secularização da sociedade*

20. O século XXI assistiu ao rápido avanço do laicismo e ao declínio da filiação religiosa, inclusive as sociedades tradicionalmente religiosas. Em muitas partes do mundo, os sem religião (aqueles que, quando indagados, declaram não ter nenhuma filiação religiosa) constituem agora uma proporção considerável da população em muitos países, mas sobretudo na Europa, América do Norte e Oceania. Embora isto não seja totalmente aplicável a todos os países nos quais se encontra a Congregação, é um fenômeno que está se estendendo e que nos confronta enquanto nos esforçamos por continuar a missão de Jesus. Também é uma realidade a crescente perseguição e marginalização da Igreja e do cristianismo em geral, tanto por parte dos regimes autoritários como por uma forma mais agressiva de secularismo.

7) *Mudanças na Igreja universal*

21. Chama a atenção o deslocamento global do cristianismo do Norte e do Oeste para o Sul e o Leste. Ainda que reconheçamos as mudanças geográficas, talvez tenhamos sido mais lentos em reconhecer o extraordinário crescimento da diversidade da Igreja e da Congregação nos últimos 50 anos. Embora nossa tendência tenha sido descrever a Igreja por sua geografia ou sua etnia ("igreja irlandesa", "igreja filipina", "igreja alemã"), essas categorias são descrições cada vez mais inadequadas no mundo atual dos movimentos.

Nos últimos anos temos assistido ao aparecimento de igrejas migrantes no hemisfério Norte.

8) A perda de credibilidade da Igreja

22. A revelação dos abusos de menores por parte de pessoas da Igreja, e das posteriores tentativas de encobrimento, causaram uma notável perda de credibilidade para a Igreja. Uma parte importante do problema é o “clericalismo” que identifica a “Igreja” com as estruturas e com certas pessoas e grupos como “profissionais” da Igreja, e não com a comunidade e com todos os membros do Corpo de Cristo. O resultado desses escândalos é que, em muitos países do mundo, os sacerdotes, os religiosos e as pessoas relacionadas com a Igreja são vistos com receio. As revelações mais recentes (inclusive algumas que nos tocam a nós) sobre a má gestão das finanças da Igreja têm aumentado a falta de credibilidade da Igreja aos olhos de muitos. Isso dificulta a missão da Congregação. Tem levado à desmoralização de muitos de nossos confrades que enfrentam a vergonha causada por esses escândalos e vivem num ambiente em que amiúde são tratados com desprezo.

Implicações

23. Dada a evidência de que a participação de Deus na história sempre tem demonstrado como Ele atrai a humanidade e toda a criação para a comunhão com ele, a crise da Covid é um momento histórico significativo que transformará o mundo. Perturbou a vida normal ao obrigar as economias mundiais a estacionar enquanto bilhões de pessoas viviam trancadas em casa, o que supõe uma menor destruição ecológica. Embora isto tenha sido uma bem-vinda conquista ecológica, teve um custo enorme: 4,6 milhões de mortes [setembro de 2021], sistemas de saúde sobrecarregados, desemprego massivo, comunidades pobres desproporcionalmente afetadas e um sistema econômico mundial em ruínas. Este é o nosso mundo “ferido” de hoje. Este é o mundo que somos chamados a abraçar. Este é o mundo “ferido” do 26º Capítulo Geral. Ainda que as questões mencionadas certamente não abranjam todos os problemas que o nosso mundo enfrenta atualmente, as indicadas afetam certamente a Congregação, tanto interna como externamente, onde quer que estejamos.

24. Ao mesmo tempo, ao contemplar este mundo “ferido” não podemos deixar de reconhecer as inúmeras experiências de cura, graça e caridade que também são evidentes em nosso mundo. Como Comissão Preparatória, tivemos o privilégio de escutar histórias de toda a Congregação, que têm dado testemunho do compromisso e da generosidade de tantos de nossos confrades e sócios missionários que estenderam a mão aos mais necessitados. A pandemia revelou o poder duradouro do amor e da caridade, já que as pessoas arriscaram a própria saúde para garantir a saúde e a segurança dos outros. A pandemia também nos deu motivos para a esperança, para a mudança, para um mundo melhor. O Papa Francisco, expondo seu propósito ao escrever a Encíclica “Fratelli Tutti”, afirmou:

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: «Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [...] Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos». Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (FT 8).

25. O Papa Francisco prossegue exortando-nos a construir uma sociedade que tenha como fundamento a fraternidade, e a amizade social como elemento constitutivo da pregação do Evangelho hoje.

26. O que isto nos diz como Congregação? Como pregamos e servimos neste mundo de maneira que encarnemos o Reino de Deus em nosso ambiente? Como pregamos o Evangelho de tal modo que busquemos converter as mentes e os corações a um “Reino de Deus” na forma de pensar, sentir e agir?

27. Como já foi dito, dentro de dez anos, em 2032, a Congregação terá completado 300 anos de existência. Ao longo destes séculos, a Congregação, lendo os sinais dos tempos em cada época, teve que adaptar-se, reimaginar o carisma para os contextos mutantes nos quais proclamamos constantemente a Copiosa Redenção. Ao longo desses últimos trinta anos, através de vários Capítulos Gerais e outros encontros congregacionais, a Congregação tem buscado continuamente abordar a questão da nossa identidade e missão à luz dos sinais dos tempos, para reimaginar o carisma como um dom para as pessoas do nosso tempo. O 24º Capítulo Geral de 2009 lançou a Congregação num processo mais intenso de Reestruturação para a Missão. Ante os desafios que nos apresenta o mundo que está saindo da pandemia da Covid-19, esse processo de Reestruturação adquire maior urgência. Sem ela não poderemos responder adequadamente às necessidades do mundo posterior à atual pandemia.

B) O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO: 30 ANOS...

28. Já que se tem notado uma certa confusão no nível terminológico, primeiro vamos dar um conteúdo claro à palavra “Reestruturação”. Trata-se de um processo de conversão pessoal e comunitária de toda a Congregação a uma vida redentorista mais evangélica que responda ao nosso carisma. Implica um “contínuo e total” processo de renovação de todos os aspectos de nossa vida (Ver Const. 11; Mensagem do 24º Cap. Geral 2009, nº 8). Um dos aspectos que a Reestruturação implica é a “Reconfiguração”, que também concerne a toda a Congregação e que podemos definir como um processo que atinge as estruturas para torná-las mais receptivas às necessidades da missão.

29. Ao longo da sua história, a Congregação tem passado por vários processos de reorganização interna com a formação de (Vice-)Províncias, Regiões e Missões para responder às exigências do Evangelho e de seu próprio tempo. Neste sentido, o que estamos vivendo hoje faz parte dessa dinâmica. Por isso, o 21º Capítulo Geral (1991) semeou as primeiras sementes ao insistir numa maior colaboração entre as Unidades, não só com as frágeis, e aprovou o postulado 501 pedindo ao Governo Geral que iniciasse o processo de Reestruturação da Congregação.

30. As decisões dos vários Capítulos, a animação dos Governos Geral e Provincial e a colaboração dos confrades deslançaram vários processos para facilitar a missão e a identidade redentorista, estimularam a colaboração entre as distintas regiões da Congregação e favoreceram a disponibilidade para a missão mediante o intercâmbio de pessoas através das fronteiras de suas Unidades, com uma maior subsidiariedade e solidariedade.

31. O processo de Reestruturação tomou uma forma mais concreta com as decisões dos dois últimos Capítulos Gerais: o 24º (2009) com a formulação dos princípios da Reestruturação, a criação das Conferências com suas Assembleias e Coordenadores como delegados do Superior Geral sem serem Superiores Provinciais, a elaboração e aprovação dos estatutos e prioridades apostólicas em cada Conferência (2011-2012), a celebração do Capítulo Geral em três fases, o perfil do Redentorista reestruturado e a formação em comum etc.; e as 52 decisões do 25º Capítulo (2016), que marcam toda a vida apostólica da Congregação.

32. Esse processo levou o atual Conselho Geral a reestruturar-se e a pensar em estratégias para comunicar as decisões do Capítulo e socializar o processo de Reestruturação a toda a Congregação. Para reforçar esse processo, em 2017 foi elaborado um Plano Estratégico para todo o sexênio. Decidiu-se realizar as Visitas Extraordinárias às Unidades na forma de assembleias zonais, por línguas, para transmitir a todos os confrades as decisões dos Capítulos Gerais, especialmente o 25º Capítulo Geral, e oferecer uma maior consciência do processo de Reestruturação. Nas assembleias participaram não só os confrades da mesma Unidade, mas também os de outras Unidades por proximidade geográfica. Essa iniciativa reforçou o processo, sensibilizou os participantes e inclusive provocou uma mudança de mentalidade em muitos que não viam a razão de ser.

33. As necessidades do processo têm levado o Conselho Geral, através dos Secretariados e Comissões, a adaptar, revisar e atualizar a linguagem de vários documentos da Congregação e a elaborar outros para responder às decisões do 25º Capítulo Geral e ser fiéis a este processo e animá-lo. Vale destacar o Diretório dos Superiores (2018), o Diretório dos Capítulos (2020), Communicanda 1 e 2 (2017, 2019), o Manual de Administração e Gestão Financeira (2020), a Ratio Formationis Generalis (2020), o Documento da Comissão dos Irmãos (2020), o Diretório para a Missão Compartilhada (2020), a Ratio Formationis para a Missão Compartilhada (2021), os Lineamenta para a Pastoral Juvenil Vocacional Redentorista (2020), as Orientações para a Conservação do Caráter Redentorista em nossas Igrejas, Paróquias e Santuários (2021) e o Enfoque Redentorista da Pastoral Social Justiça, Paz e Integridade da Criação (2021).

34. As Assembleias das Visitas Extraordinárias, Comunicanda 1 (2017), a criação das Comissões das Conferências para a Reestruturação, junto com as Assembleias das Conferências propiciaram, sob a supervisão do Governo Geral, um espaço de diálogo e discernimento entre as Unidades que deu lugar à tomada de decisões importantes e valentes. Nas reuniões da Metade do Sexênio foi reconhecido como muito positivo o processo e todo o trabalho realizado. Pouco a pouco se foi vendo que o processo de Reestruturação é, antes de tudo, uma profunda renovação da vida apostólica da Congregação e dos corações dos confrades, que são chamados a voltar às fontes da vida redentorista e a voltar a aprofundar no carisma.

35. A partir de tudo isso, cada Conferência, como ficou decidido no 25º Capítulo Geral (Decisão n. 5), elaborou seu próprio Plano Apostólico e de Reconfiguração. Cabe destacar o compromisso de repensar a evangelização em nosso contexto atual com novos métodos pastorais, e a possibilidade e, alguns casos, a necessidade da união de várias Unidades em novas Províncias, ou a criação de (Con)Federações, quando for necessário. Desde as Comissões, passando pelas Assembleias e os estudos realizados nas Unidades dos Planos Apostólicos, até a aprovação das Assembleias da Conferência e do Governo Geral, tem havido um bom caminho de sinodalidade que impulsionou e deu coerência ao processo de Reestruturação e tem produzido um bom diálogo entre os Superiores Maiores, as assembleias das Conferências e, em parte, entre os próprios confrades. Houve um grande consenso nas cinco Conferências quanto às prioridades missionárias (missões, famílias separadas, jovens, mulheres) e prioridades apostólicas (santuários, paróquias, missões populares, pastoral das famílias, pastoral social, pastoral dos emigrantes, vítimas do tráfico humano, etc.). Contudo, a priorização daqueles aos quais somos enviados e das áreas de aplicação foi e continua sendo uma tarefa muito complexa e ainda encontra dificuldades para a sua tradução concreta nos Capítulos e Planos Apostólicos das Unidades. Há casos em que esses planos não têm impacto na vida prática de muitas Unidades e na sua reestruturação interna, no desenvolvimento de projetos comuns na Conferência e nas próprias realidades estruturadas. Por que continua sendo tão difícil para nós deixar os lugares que são cômodos mas que já não respondem a nosso carisma? Por que resistimos à reestruturação interna?

36. É importante destacar o papel dos superiores maiores e locais, e o sentido de corresponsabilidade dos confrades. Naquelas realidades onde os confrades se sentiram mais inseguros diante das mudanças e os superiores escutaram, dialogaram, animaram e promoveram a corresponsabilidade, já estão aparecendo os primeiros resultados concretos do processo. Neste sentido, o governo do processo não se caracterizou pela imposição, mas pela consciência de um chamado do Espírito para respondermos às exigências do carisma a partir da conversão do coração e da mentalidade.

37. Os Coordenadores têm demonstrado ter um papel muito importante na dinâmica e no progresso de Reestruturação em todas as Conferências. Eles, em espírito de colegialidade com o Governo Geral e os Superiores Maiores, têm realizado um trabalho considerável desde a criação das Conferências (cf. 24º Capítulo Geral, 2009, Decisões 2.3-2.6), no que se refere à assistência às Unidades, especialmente as mais frágeis, no

CAPÍTULO GERAL - DOCUMENTO DE TRABALHO - FASE I

acompanhamento da formação, sobretudo dos noviciados e teologados comuns, na supervisão dos projetos comuns, no processo de discernimento das prioridades das Conferências, no acompanhamento dos vários Secretariados e Comissões, assim como na execução dos Planos Apostólicos e de Reconfiguração. Ao mesmo tempo, não tem sido um trabalho fácil, devido a que seu papel é ainda vago, limitado e às vezes incômodo para alguns superiores maiores, sendo importante esclarecê-lo no futuro. Por isso, tem sido difícil promover a formação contínua, as novas iniciativas e os projetos conjuntos das comunidades interprovinciais e internacionais. A interação entre as próprias Conferências também é ainda frágil, já que ainda são novas como órgãos de governo.

38. Nos últimos trinta anos a Congregação está tomando uma nova configuração quanto a estruturas e número de confrades. Conforme os planos de reconfiguração aprovados, uma projeção para o Capítulo Geral de 2028 seria a seguinte:

CAPÍTULOS GENERALES	1991	2003	2009	2016	2022	2028
PROVINCIA	42	41	38	39	37	27?
V-PROVINCIA	29	25	24	20	19	4?
REGIÓN	12	11	13	8	5	3?
UNIDADES TOTALES	83	77	75	67	61	34?
MISIONES			5	7	7	3?
TOTAL DE COHERMANOS	6.003 <i>(Junio 1991)</i>	5.494	5.223	4.898	4.661 <i>(Julio 2021)</i>	4.340?

39. Embora haja resistência da parte de alguns confrades, e também de alguns superiores maiores e locais, porque o processo, apesar de sua beleza e riqueza, é exaustivo para todos, é fundamental manter o processo de animação dos confrades para que se leve adiante com consciência segundo o espírito redentorista. Nota-se uma consciência e visão congregacional por parte da maioria deles na leitura dos sinais dos tempos e uma resposta às necessidades evangelizadoras do mundo de hoje, sendo conscientes de que não só se reconfiguram as estruturas, porque não respondem à realidade, mas também, além disso, há um carisma, um dom do Espírito, que nos compromete a anunciar o Evangelho ao mundo e às pessoas de hoje de um modo sempre novo. Todo o movimento provocado pelo processo de reestruturação fez com que nos sintamos como um só corpo missionário. De uma ou de outra maneira, todas as Unidades da Congregação se

envolveram e responderam, através da União ou das (Con)Federações, como parte desse corpo missionário vivo que busca as melhores estratégias para responder aos desafios do anúncio do Evangelho. Neste sentido, podemos observar uma visão mais ampla dos confrades sobre a própria Congregação, sua vida apostólica e sua presença no mundo, embora ainda reste um caminho a percorrer.

40. Infelizmente, a pandemia refreou e inclusive paralisou o processo na maioria das Unidades. É urgente implementar todos os planos para fazer avançar o processo. Os Governos Gerais e das Unidades desta época devem exercer a liderança para animar o processo, estando presentes entre os confrades e marcando o ritmo de toda a missão. Como se pode recuperar o entusiasmo pelo processo diante do revés causado pela pandemia? A experiência da pandemia mostrou a vulnerabilidade e a fortaleza das estruturas institucionais e levará o mundo a reinventar-se. Mais do que nunca, esse processo é necessário para nós. Nosso desafio, junto com o processo de reconfiguração das Unidades, é reestruturar nossa missão com novos métodos e linguagens para podermos responder a esses desafios, tanto ad intra, como ad extra da Congregação pelo mundo inteiro.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL E A PARTILHA:

Uma vez lido o primeiro capítulo, há algo que lhe pareceu especialmente certo e esclarecedor quanto à sua própria experiência do mundo? Há algo a acrescentar?

Como o processo de Reestruturação tem afetado a sua Conferência, Unidade e Comunidade? Quais questões levantou? Tens alguma outra reação ao processo de Reestruturação e Reconfiguração descrito no capítulo 1?

CAPÍTULO II

ALGUNS DESAFIOS

41. Ao longo dos anos, no processo de reestruturação, temos observado ao menos dois tipos de obstáculos. Podemos falar de dificuldades naturais no processo de reestruturação e reconfiguração causadas pela cultura, a língua, a história, a eclesiologia, as tradições, o nacionalismo, etc. Esses são certamente grandes desafios para nossa vida comunitária apostólica, para a missão, mas não são insuperáveis.

42. Outros obstáculos ao processo de reestruturação ou, como dissemos, de conversão, surgem do interior e se afastam do espírito do Evangelho e de nossas Constituições. Entre eles poderíamos apontar o apego às estruturas de poder e econômicas, o individualismo egocêntrico, o provincialismo, a falta de disposição para a missão, etc.

43. Não querer superar os desafios naturais e enfrentar os espirituais significa fechar-se em si mesmo, não reconhecer e ler os sinais dos tempos e perder uma grande oportunidade de responder com audácia missionária ao Espírito renovador de nosso carisma. O Espírito nos convida a centrarmos-nos menos no que nos divide para não esquecer nossa identidade fundamental, o seguimento de Cristo Redentor, que nos transforma em um único corpo missionário.

44. Nesta seção apresentamos os principais pontos que têm surgido do processo de consulta, sobre os quais devemos centrar nossa atenção para responder com fidelidade e criatividade a nossa missão.

A) DIVERSAS FRAGILIDADES

45. Embora haja Unidades na Congregação que continuem crescendo e fortalecendo-se em todos os níveis, existe uma crescente fragilidade causada pelo envelhecimento dos confrades, a insegurança econômica e a diminuição numérica. Essa diminuição se deve ao abandono da Congregação por parte de confrades, ao escasso número de pessoas que entram nas casas de formação e à ausência de uma pastoral vocacional. Amiúde há uma reticência a abordar esses problemas de forma radical. Muitos não veem o sentido de tal esforço porque veem pouca esperança no futuro. Em muitos casos, as dificuldades naturais de que falamos, por exemplo, as diferenças históricas, culturais e linguísticas, e a diminuição do número de irmãos disponíveis para a missão, são utilizadas como justificativas para não dar passos significativos no próprio processo e na elaboração de projetos comuns. São apresentadas como argumentos para permanecer no statu quo em lugar de entrar de cheio no processo. Em outros casos, há Unidades que inicialmente resistiram ao processo e depois se tornaram colaboradores eficazes. É fundamental que as Unidades da Conferência que já estão mais avançadas no processo ajudem as

que ainda resistem e as desafiem nesse processo de conversão e reestruturação para a missão. A reestruturação é para todos (cf. 25º Cap. Geral 1-3): “Todos os Redentoristas são verdadeiramente missionários” (Const. 55). Vem a ser um desafio mostrar aos confrades que o processo de reestruturação não é só uma reorganização de estruturas, mas consiste num processo de conversão pessoal e comunitária para renovar a vitalidade de nosso carisma para a missão e a disponibilidade missionária.

B) SOLIDARIEDADE MISSIONÁRIA

46. Em certas ocasiões, a solidariedade era associada quase exclusivamente com a partilha das finanças; as Unidades mais ricas se solidarizavam com as menos favorecidas ou faziam doação ao Fundo de Solidariedade. Mas a solidariedade é um conceito muito mais amplo, inclusive é uma virtude, que muitos confrades têm expressado o desejo de ter em diferentes âmbitos da vida redentorista. O Papa São João Paulo II disse que a solidariedade provém da convicção de que todos somos verdadeiramente responsáveis por todos.

47. Já temos boas iniciativas e projetos em andamento, mas está claro que é preciso intensificar a solidariedade missionária. Vamos indicar cinco áreas nas quais uma melhor solidariedade vai melhorar nossa missão e nas quais a falta de solidariedade nos cria obstáculos.

1) Processo de discernimento

48. Uma Congregação reestruturada vai requerer uma maior solidariedade nos âmbitos da missão, da formação, das finanças e do pessoal, como também em outras áreas. Um primeiro desafio será que os membros de todos os níveis – Unidade, Conferência e Congregação – se comprometam num processo comum de discernimento, caracterizado pela oração, análise, planejamento e avaliação comuns. A falta desse compromisso de discernimento comum será um obstáculo importante para a solidariedade efetiva em outros âmbitos da missão redentorista.

2) Missão

49. Embora façamos a Profissão como membros associados a uma Unidade particular, nossa Profissão é numa Congregação internacional com uma missão global. Um obstáculo recorrente no processo de reestruturação é a falta de solidariedade com a missão global dos Redentoristas.

50. O provincialismo e o medo de perder a identidade e o poder são elementos que dificultam a caminhada. Existe uma visão estreita de que os bens, especialmente os financeiros, pertencem às Unidades e não à Congregação.

51. Amíúde as Unidades têm as mesmas obras apostólicas, mas sofrem a precariedade de recursos financeiros e de pessoal. No entanto, é difícil para elas renunciar a projetos

individuais e concentrar seus recursos num projeto comum que possa responder mais eficazmente às necessidades da missão.

52. Portanto, é necessário ir mais além dos interesses e projetos individuais para chegar ao bem comum da Congregação, próprio do carisma. A reestruturação é um processo, mas deve concretizar-se no tempo. Não pode continuar indefinidamente. As decisões já foram tomadas. Agora cabe implementá-las de modo estratégico.

3) Formação

53. Embora haja muitos esforços de colaboração na formação em vários níveis, contudo há dúvidas por parte de algumas Unidades para participar desses esforços. Não obstante, o desafio principal da Formação redentorista é o de preparar verdadeiramente os futuros Redentoristas para a missão da Congregação tal e como se apresenta nas prioridades das Conferências.

54. O tema da formação será tratado com mais detalhes adiante, mas destacamos aqui que a colaboração na formação não só expressa um sentido de solidariedade entre as Unidades, compartilhando seus recursos entre si e não duplicando-os, mas que também proporciona uma oportunidade para que os formadores e candidatos à vida redentorista conheçam os formadores e candidatos de outras Unidades e construam relações que fomentem a solidariedade e a cooperação para a missão no futuro.

4) Finanças

55. Um obstáculo nas finanças, como já foi mencionado, é que os recursos financeiros são considerados mais como propriedade privada de uma determinada Unidade do que como parte do patrimônio da Congregação. Existe o medo de perder o controle das finanças, que amiúde significa poder. É necessário que os irmãos tomem mais consciência neste âmbito e que trabalhem mais na aplicação dos quatro princípios de solidariedade. Neste sentido, a transparência econômica, assim como a transparência com todos os recursos, é fundamental nesse processo. Isto é especialmente certo para as nossas Unidades que se estão reconfigurando e para as realidades das (Con)Federações. Como podemos avançar para uma maior liberdade nesse âmbito e atrever-nos a superar esses obstáculos?

5) Pessoal

56. A solidariedade em termos de pessoal afeta tanto a nossa missão comum quanto a nossa vida comum em comunidade apostólica.

57. No que diz respeito à nossa missão comum, observamos muitos exemplos de colaboração de pessoal entre as Unidades para melhor realizar nossa missão. Nesses casos vemos uma forte solidariedade entre os membros da Congregação, ainda que esse tipo de solidariedade não seja sempre fácil tanto dentro como entre as Unidades. Ao mesmo tempo, devemos ser claros sobre a motivação real para compartilhar pessoal. Às vezes

parece ser simplesmente por motivos econômicos. Em outros casos, a partilha de pessoal é para assegurar a manutenção dos ministérios atuais mais do que para responder às demandas do Plano Apostólico da Conferência. Também parece que às vezes os confrades, tanto os que são enviados quanto os que recebem membros de outras Unidades, não recebem uma preparação adequada. A necessidade de proporcionar uma preparação integral aos que são enviados e aos que recebem é um dos novos e mais urgentes desafios que a Congregação enfrenta hoje, em particular, em lugares como o hemisfério Norte. Além disso, deve-se cuidar que os superiores correspondentes das Unidades implicadas entrem num acordo sobre a necessária atenção pastoral dos confrades enviados.

58. No nível local, um obstáculo para a vitalidade da nossa missão é a falta de solidariedade entre os membros das comunidades e entre as Unidades. Amiúde influenciadas pelo individualismo egocêntrico, muitas de nossas comunidades carecem do vínculo comum necessário para trabalhar bem como comunidade apostólica.

C) TENSÃO ENTRE AS PRIORIDADES MISSIONÁRIAS E APOSTÓLICAS

59. Um obstáculo para a reestruturação e uma maior flexibilidade na hora de responder às nossas prioridades missionárias são nossos compromissos a longo prazo com certas prioridades apostólicas que podem deixar de coincidir com a nossa missão. Como afetam as prioridades missionárias, tal como aparecem nos Planos Apostólicos da Conferência e das Unidades individuais, as decisões sobre as prioridades apostólicas?

C) FORMAÇÃO INICIAL E CONTÍNUA

60. Um elemento que traz luz no processo de reestruturação é o número de iniciativas na formação inicial, onde foram dados passos para a formação comum por meio dos noviciados interprovinciais das Conferências, os teologados comuns entre Unidades e outras iniciativas com resultados positivos para os formandos, ampliando sua visão da missão e do ser Redentorista hoje.

Contudo, ainda resta muito a fazer. Por exemplo:

1. **Formadores.** Há muitas casas de formação na Congregação com poucos candidatos e muitos formadores disponíveis. Por outro lado, muitos formadores têm outras responsabilidades ministeriais ou (Vice-)Provinciais e não podem responder às necessidades da formação.

2. **Formação para uma Congregação internacional e uma missão global.** Tanto os formadores quanto os candidatos devem promover uma maior consciência de que somos formados e professamos para uma missão que vai além das fronteiras das Unidades, dos Países e das Conferências. Quanto antes se fomente um sentimento de solidariedade global com a Congregação, tanto melhor.

3. **Sistemas fechados de formação.** Muitas Unidades têm todas as fases da formação e querem assegurar a formação de seus candidatos, mas não oferecem as condições requeridas pela Ratio Formationis Generalis. É necessário superar a mentalidade de que “a formação da minha Unidade é a melhor”, investir muito na formação inicial com boas estruturas, programas de formação coerentes e formadores que acompanham de verdade, e ter uma visão de qual seja a melhor formação para a Congregação.

4. Ano pastoral. A experiência do ano pastoral nem sempre tem sido vista como uma oportunidade para ampliar os horizontes como missionários redentoristas, formativos, culturais e linguísticos, já que muitas Unidades continuam limitando as oportunidades do ano pastoral à mesma realidade que o candidato já conhece. Essa prática solapa o sentido de solidariedade com toda a Congregação e sua missão.

As oportunidades do ano pastoral também se viram obstaculizadas pela reticência das Unidades em acolher estudantes de outras Unidades ou quando as Unidades não viram o valor de enviar seus estudantes para fora da sua própria Unidade.

5. Formação de formadores. No âmbito da formação de formadores ainda há muitas lacunas. As Conferências deveriam, junto com os Secretariados ou Comissões de formação, consolidar cada vez mais essas iniciativas à luz do processo de reestruturação.

6. Formação permanente para a vida comunitária. Uma “dificuldade natural” que surge no processo de reestruturação é a mistura de língua e cultura, junto com muitos outros aspectos da vida, em nossas comunidades internacionais. Quais esforços poderiam ser feitos para facilitar as transições sem problemas e uma vida comunitária sadia entre os membros?

7. Formação permanente. Embora esporádicos e escassos, muitas Unidades oferecem programas de formação contínua. Todavia, este continua sendo um ponto muito fraco na Congregação. É importante criar uma consciência pessoal da importância da formação permanente, além da formação intelectual, como um processo que forma o ser Redentorista e o capacita intelectual e espiritualmente para a missão. Quais passos ousados devemos dar nessa direção? Não é este um dos problemas da falta de perseverança (deserções, apatia, ausências...) que estamos vivendo em nossa vida consagrada redentorista?

E) ESTRUTURAS E FORMAÇÃO DE LÍDERES

61. Um desafio do processo de reestruturação implica tanto as estruturas como a visão da liderança. Existe um desafio de encontrar estruturas simplificadas, eficientes e flexíveis para as novas realidades geográficas das Unidades, mas também, e talvez mais importante, com líderes que tenham uma visão e levem a sério a missão de serem animadores, pastores e administradores. É essencial ter uma profunda consciência da corresponsabilidade de cada irmão no exercício da liderança para o serviço como um

só corpo missionário. A continuidade na liderança também é importante. Este âmbito deveria ver-se muito favorecido pelo conhecimento e a aplicação dos Planos Apostólicos no nível da Conferência e da Unidade.

62. A subsidiariedade é um chamado ao governo, que começa com os superiores maiores e locais e com cada confrade em seu ministério. É um valor que apreciamos profundamente. Existe, porém, uma tensão entre a subsidiariedade e o desejo de alguns confrades de uma maior "centralização". Sem deixar de reconhecer a tensão, devemos ter cuidado. Uma maior centralização só conduziria a tornar mais burocrático o processo de governo e não estaria em consonância nem com o espírito de uma Congregação reestruturada para a missão, nem com o espírito de nossas Constituições. Parece, no entanto, que precisamos de um esclarecimento sobre os que os confrades querem e desejam quando falam de maior ou menor centralização no governo.

F) A VOCAÇÃO DO IRMÃO REDENTORISTA

63. Desde o começo da nossa Congregação, a nossa missão incluiu tanto clérigos como Irmãos. A realidade dos Irmãos hoje não é só uma questão de estatísticas, mas também um desafio à nossa identidade. Ela nos confronta com a realidade do clericalismo na Congregação. Devemos perguntar-nos se estamos nos formando para a vida consagrada redentorista ou somente para o ministério sacerdotal. Nos últimos tempos surgiu a realidade do clericalismo por muitas razões e isto é um obstáculo para acolhermos a vocação dos Irmãos e trabalharmos com os leigos. Há Unidades na Congregação que não contam com a presença de Irmãos. Os candidatos que se informam sobre a vocação para Irmãos são amiúde persuadidos a buscar a ordenação sacerdotal. Em outros casos, os Irmãos não sabem como responder aos possíveis candidatos devido à falta de um programa de formação adequado para os Irmãos. Em nossos programas de formação, temos que assegurar que haja uma teologia sadia e atual da vida consagrada que vá além das visões estreitas da eclesiologia, que impulse o dinamismo missionário e não fomenta o clericalismo entre nós.

G) EM MISSÃO COMPARTILHADA

64. A missão compartilhada (religiosos e leigos) tem enriquecido enormemente a missão redentorista. Muitos têm um forte sentido da espiritualidade e da missão redentorista. Mas a presença dos leigos como agentes na missão continua limitada, tanto na Congregação como no nível geral, ainda que tenhamos feito alguns progressos nesse campo. No processo de reestruturação, a participação dos leigos é em grande medida passiva, em vez de ser uma participação mais consistente que traga outras perspectivas ao processo.

65. Adotaremos estruturas para garantir a colaboração dos leigos como agentes da missão compartilhada? Existe o perigo da "representação simbólica" ou o reconhecimento dos leigos. Como podemos envolvê-los mais na missão da Copiosa Redenção?

H) A REALIDADE ECLESIAL E O NOSSO TESTEMUNHO

66. A Congregação vive e serve na Igreja. No nível eclesial, o pontificado do Papa Francisco tem desafiado a Igreja a sair de si mesma. Mas quem somos nós quando saímos? Quem o povo vê? Somos testemunhas fiéis do Redentor? Há resistência dentro da Igreja e da Congregação à visão eclesial do Papa Francisco. Nosso testemunho também se vê comprometido pelos escândalos na Igreja.

67. Quem de nós não está afetado pela crise dos abusos sexuais e dos escândalos financeiros que solapam cada vez mais a credibilidade da Igreja? Essa realidade pode ser tão exasperante como desmoralizante. No entanto, algumas Unidades continuam resistindo a abordar esses problemas, e o impacto em nossa credibilidade e trabalho missionário é devastador. Devemos aproveitar os recursos humanos para enfrentar esses escândalos e esforçar-nos para dar um testemunho coerente através de nossa vida consagrada.

I) RECUPERAR NOSSO ARDOR MISSIONÁRIO

68. "Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32). Assim era o coração dos discípulos de Emaús. "Acendei em nós o fogo do vosso amor", rezamos. Fomentar o amor ardente por Jesus Redentor e o zelo pela nossa missão é o coração de nossa vida como Redentoristas.

69. Muitos confrades têm falado de um forte desejo de renovação espiritual de nós mesmos como indivíduos e como comunidade apostólica. Nosso testemunho se vê amiúde comprometido pela incoerência entre o que dizemos que somos e o que realmente somos. Devemos aproveitar a oportunidade deste processo para recuperarmos a mística missionária redentorista para sermos, de fato, testemunhas do Redentor, solidários para a missão neste mundo ferido. Num mundo cada vez mais fragmentado, nosso testemunho através de um único corpo missionário é um sinal evangelizador.

E depois?

70. A pandemia nos afetou pessoal, comunitária, financeira e apostolicamente. Muitas comunidades da Congregação sofreram o vírus, perdemos irmãos, familiares e colaboradores leigos. Fomos confrontados com a nossa missão, nossos métodos e, em certo sentido, submetidos a um sentimento de impotência por não podermos dar respostas mais eficazes à realidade de nossos interlocutores. Fomos desafiados a buscar novas formas de evangelização e a desenvolver mais criatividade, solidariedade em nossas comunidades e com o Povo de Deus. Muitas comunidades da Congregação aproveitaram para fazer um retiro, para aprofundar em sua vida de oração e em sua espiritualidade, para escutar-se mutuamente, para prestar-se atenção e cuidados e para ajudar, com os recursos de

que dispunham, os mais afetados pela pandemia, solidarizando-se com eles em todos os sentidos. O que a pandemia ensinou a cada um de nós? Como podemos utilizá-la como uma oportunidade para nosso crescimento pessoal e nossa vida apostólica? Como pode ser utilizada como uma oportunidade para o nosso processo de reestruturação? O mundo depois da pandemia será mais desigual socialmente, mais secularizado e nos apresentará mais desafios. Não obstante, essa realidade não pode servir de desculpa para ficarmos em nossa zona de conforto e retardar processos vitais para a nossa vida apostólica.

71. Como podemos entregar-nos a esse processo contínuo de conversão para viver nosso carisma com fidelidade e criatividade, explorando novas opções, fortalecendo e imaginando as tradicionais eficazes e abandonando as tradicionais ineficazes? Em definitivo, como podemos ser melhores testemunhas do Redentor, solidários para a missão, em um mundo ferido?

PARA A REFLEXÃO PESSOAL E A PARTILHA:

No processo de Reestruturação e Reconfiguração, quais obstáculos naturais ou espirituais têm sido os mais difíceis para Você? A língua? A cultura? O envelhecimento? Individualismo egocêntrico? Indiferença?

Há desafios enfrentados no processo de Reestruturação e Reconfiguração que não aparecem no segundo capítulo e que merecem ser mencionados?

Como tem procurado, individualmente e como comunidade, superar esses desafios?

CAPÍTULO III

REIMAGINAR A CONGREGAÇÃO

PASSOS A DAR PARA CONSOLIDAR O PROCESSO

72. Enquanto a Comissão Preparatória do Capítulo estudava e refletia sobre as diversas respostas que recebemos durante o processo de consulta, pareceu-nos que o tema de “reimaginar nossa identidade redentorista” poderia estar presente em muitas das observações e sugestões que chegaram de todo o mundo. A que nos referimos com isto?

73. Muitos confrades falaram de nossa necessidade e anseio de algo novo à luz de nossas Constituições e Estatutos: o trabalho missionário da Congregação, como vivemos e realizamos nossa missão através da comunidade apostólica, a formação para a comunidade apostólica, o governo, bem como o atual processo de reestruturação. Isto não quer dizer que se tenha decidido abandonar tudo o que estamos fazendo, nem muito menos. Mas a pandemia em si requer um “pensamento inovador” para continuarmos com a nossa missão, e este desafio se aplica não só a nós como Redentoristas, mas ao mundo inteiro.

A) REIMAGINAR NOSSA IDENTIDADE REDENTORISTA

74. Quando falamos de “reimaginar” a Vocação Redentorista, não nos referimos a “reinventá-la” ou mudá-la. Antes, fomentamos o uso da imaginação para que sejamos fiéis em nossos dias ao espírito de Afonso e a nosso carisma. Numerosas respostas das Unidades e das Conferências nos convidam a utilizar nossa imaginação para identificar nossas prioridades missionárias e estabelecer prioridades apostólicas, em termos e formas de comunidade apostólica que respondam às necessidades reais de nossos confrades, em termos de formação para as prioridades missionárias e apostólicas da Congregação, em termos de imaginar o tipo de liderança que queremos e precisamos em um mundo e uma Igreja mutantes, etc. O convite não é para sonhar ou imaginar pelo simples fato de fazê-lo, mas sim, impregnados de nossa tradição, a imaginar novas formas de evangelizar. Afonso não poderia ter imaginado a pregação missionária on line, porém esta se tornou uma realidade para muitos de nós por necessidade. Quais outras formas novas poderíamos imaginar?

1. O mundo

75. Qual é a realidade na qual empreendemos o trabalho missionário da Congregação? No capítulo 1 tentamos apresentar a realidade mundial atual, tal como se apresentou a partir das ideias das respostas que recebemos durante o processo de consulta e outras fontes. Nosso mundo mudou significativamente desde o último Capítulo Geral, devido em grande parte à pandemia da Covid-19. E continua mudando. Não existe certeza de como será o futuro, mas este é o mundo e o contexto em que vivemos e realizamos nossa missão como Redentoristas.

76. Ouvimos dizer que a pandemia fez com que as pessoas se mantivessem afastadas das celebrações públicas. Ouvimos falar dos esforços das comunidades para responder à crise, mas também ouvimos falar da frustração das comunidades por não poderem responder de maneira mais completa às necessidades das pessoas. À medida que a pandemia diminui em algumas partes do mundo (como esperamos que aconteça nas outras), qual será o caminho que temos de seguir na obra missionária da Congregação? Identificaremos prioridades missionárias diferentes das que temos selecionado anteriormente? Precisamos reexaminar nossas prioridades apostólicas? O Papa Francisco tem falado de uma Igreja "em saída", sem esperar que o povo venha até nós. Quais são as implicações de um mundo cada vez mais secular para a missão da Congregação?

77. Esses são alguns exemplos do que se poderia incluir numa descrição do "mundo" em que vivemos.

2. Agentes da Missão

78. É neste mundo em que, como nos recorda a Constituição 1, somos chamados a continuar a missão do Redentor pregando o Evangelho aos mais abandonados, especialmente as pobres. Fazemos isso de várias maneiras: dando testemunho de Jesus de modo radical através da vivência dos votos, vivendo e trabalhando juntos na comunidade apostólica onde o enfoque está no bem comum e onde buscamos um equilíbrio entre o bem do indivíduo e da comunidade, através de nossa pregação extraordinária do Evangelho. Somos "Agentes" da Missão. Mas não somos os únicos agentes da missão. Escutamos muitos pedindo um aumento na cooperação com os leigos, particularmente com nossos Colaboradores na missão (leigos Redentoristas). Também escutamos um chamado a colaborar com outras ordens religiosas e grupos seculares que compartilham nossos objetivos. Contudo, ao fazê-lo, amiúde enfrentamos o clericalismo e a ênfase no ministério sacramental em detrimento do exercício de nosso papel profético. Como agentes da missão numa congregação internacional que colaboram com outros agentes, são necessárias novas formas de formação para essa missão e é necessário desenvolver novas formas de liderança, uma liderança visionária e compartilhada. Ser agentes da missão é reconhecer que não estamos sós, que somos chamados a uma visão comum, ao Reino de Deus, que somos chamados à solidariedade uns com os outros e com os pobres e feridos do nosso mundo. Temos o desafio de voltar a imaginar como nos vemos a nós mesmos como agentes da missão.

3. Solidariedade

79. Ao falar diante do Colégio Cardinalício em novembro de 1979, o Papa São João Paulo II descreveu a solidariedade deste modo: "Solidariedade significa, sobretudo, uma compreensão adequada e depois uma ação adequada... sobre a base do que corresponde à ajuda às necessidades reais da pessoa e do que corresponde à sua dignidade humana". Mais tarde, em 1987, escreveu: "Esta [a solidariedade] não é, pois, um sentimento de vaga compaixão ou de angústia superficial pelos males de tantas pessoas, próximas ou distantes. Ao contrário, é a determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem de todos e de cada um, para que todos sejamos verdadeiramente responsáveis por todos" (SRS 38). As respostas da Congregação pediram repetidamente um maior sentido de solidariedade que reflita esses pensamentos de São João Paulo II. Solidariedade com nossas prioridades missionárias através de nossas prioridades apostólicas. Solidariedade de uns com os outros na vida comunitária, em particular diante dos desafios do individualismo, solidariedade na formação com uma congregação mundial com uma missão mundial; solidariedade no governo com todos os membros da Unidade, mas também com a missão da Congregação no nível de Conferência e no nível mundial. A solidariedade é uma virtude que dá lugar à ação e que se nutre das práticas mesmas da solidariedade. Para que essa compreensão da solidariedade se torne realidade entre nós, devemos tomar medidas concretas e práticas que indiquem nosso compromisso com a solidariedade.

A) REIMAGINAR NOSSA IDENTIDADE REDENTORISTA ATRAVÉS DAS LENTES DA REESTRUTURAÇÃO

Desde o princípio temos falado do processo de reestruturação como necessário para a missão da Congregação hoje. Nós o vemos como uma resposta à inspiração do Espírito Santo. Amiúde o processo tem sido visto ou entendido simplesmente como uma reconfiguração de fronteiras e Unidades, mais como uma questão do externo que do interno. De fato, são ambos. Há uma dimensão espiritual mais profunda nesse processo que poderíamos associar facilmente com nosso chamado à conversão contínua. "Apóstolos da conversão" (Const. 11), somos chamados a "revestir-nos de Cristo" pois "toda a sua vida cotidiana deve ser marcada pela conversão do coração e constante renovação do espírito"(Const. 41). É uma conversão não só para nós como indivíduos, mas também "a própria comunidade deve expressar essa conversão, de modo que alcance cada dia mais, através de eficaz testemunho, aquela total generosidade com que se deve corresponder à Palavra de Deus" (Cont. 42). Esse chamado à conversão contínua é uma "reimaginação" de nossa identidade redentorista.

81. Considerado o processo de reestruturação em curso, com suas conquistas e desafios, e o que esboçamos anteriormente, queremos agora ressaltar alguns elementos que podem ajudar a consolidá-lo à luz dos princípios da reestruturação para a missão. O 26º Capítulo Geral deve perguntar-se: "De que maneira o 26º Capítulo Geral pode fazer avançar o processo de reestruturação para responder a um mundo mais ferido e mudado significativamente pela pandemia?" Do que recebemos como Comissão Preparatória

queremos destacar os que consideramos como os grandes temas que o Capítulo Geral deve abordar: a revitalização da vida apostólica da Congregação, solidariedade, formação, governo, administração, e como os planos apostólicos e de reconfiguração podem ajudar o processo de reestruturação a dar frutos verdadeiramente e dar como resultado uma Congregação missionária mais dinâmica para dar resposta aos problemas candentes do nosso tempo. Ao tratar esses temas, pedimos que levem em conta:

- O desafio de voltar a imaginar nossa identidade redentorista como
 - o agentes da Missão,
 - o que vivem em solidariedade uns com os outros e com os pobres em,
 - o um mundo que mudou e está mudando.

1. Revitalização da Vita Apostolica da Congregação (cf. Const. 1)

a) Um novo estilo de vida consagrada com novos métodos missionários

82. Um passo importante na consolidação do processo de reestruturação é a renovação da vida consagrada redentorista. Mas, se isto acontece, é de suma importância que as Unidades façam uma análise realista de nossa vida consagrada e elaborem planos de renovação espiritual e comunitária que animem os confrades a viver sua consagração e missão. Nesse sentido, um dos elementos fundamentais é a renovação espiritual num sentido amplo dos confrades para que, desde a conversão do coração e da mentalidade, possam levar adiante o processo “por si mesmos” com consciência de serem missionários respondendo aos sinais dos tempos e às exigências do Evangelho, assim como todos os chamados, orientações e incentivo congregacional para tanto. Esse processo de renovação dos confrades consiste em fazer arder o coração e encontrar um sentido mais profundo do ser redentorista hoje. Se não houver uma compreensão profunda do significado da consagração, de suas implicações, como ser um só corpo missionário, disponibilidade, fidelidade criativa e abertura para ler os sinais dos tempos e responder em consequência, o processo de reestruturação torna-se algo técnico, corporativo, e talvez defeituoso em suas origens. Se reestruturar significar simplesmente unir Unidades dando um novo aspecto às antigas estruturas – (Vice-)Província, Região e Missão – sem mudá-las radicalmente para servir a esse objetivo fundamental (isto é, a renovação de nossa vida apostólica e uma maior disponibilidade missionária entre os confrades), então a reestruturação não dará frutos concretos. “Para vinho novo, odres novos!” (Mt 9,17).

83. Como realizamos essa renovação e revitalização da vida consagrada redentorista? Quais passos concretos se requerem?

- No nível da comunidade local
- No nível da Unidade
- No nível da Conferência
- No nível do Governo Geral da Congregação.

84. Quais passos são necessários para construir comunidades autenticamente redentoristas que testemunhem de maneira radical o Redentor que pregam?

b) Uma nova presença missionária

85. Embora o Primeiro Princípio para a Reestruturação estabeleça que a Reestruturação é para a Missão, esse não parece ser o enfoque principal da Reestruturação muitas vezes. A reestruturação deve tocar nossa vida apostólica em sua totalidade: nosso trabalho missionário e nossa vida consagrada. A preocupação dos confrades tem se centrado mais no plano de reconfiguração que no plano apostólico. Parece ainda faltar na Congregação um sentido geral de despertar apostólico missionário com criatividade, disponibilidade, generosidade e entusiasmo. Perder o enfoque da missão corre o perigo de ter estruturas muito pesadas para o futuro.

86. Essa nova presença deve ser abordada em três níveis:

i) Na localização de nossas comunidades redentoristas: A necessidade de discernir verdadeiramente e priorizar onde devemos estar e a vontade de chegar àqueles lugares que já não respondem às nossas prioridades missionárias e apostólicas decididas no Plano Apostólico. Realmente nos colocamos estas perguntas e as discernimos:

- Onde somos mais necessitados hoje como redentoristas?
- A que devemos renunciar para estarmos com os mais necessitados?
- De que ajuda precisamos se vamos deslocar-nos para estarmos entre os mais necessitados?

ii) Na renovação e criatividade de nossos métodos missionários: Existe uma tensão entre a pastoral ordinária e a pregação extraordinária do Evangelho. Tem-se observado que parece haver uma ênfase excessiva no ministério sacramental em detrimento de nosso papel profético como pregadores da Boa Nova. A maioria dos confrades se dedica ao ministério de paróquias / igrejas / santuários. Estamos pregando aos convertidos? Tem-se expressado preocupação pelo fato de que em um mundo pós-Covid muitas pessoas não retornarão às celebrações comunitárias. Outras expressões tradicionais da missão redentorista já não parecem adequadas. Muitos confrades e colaboradores leigos falam em buscar novos métodos para responder às necessidades das pessoas de hoje.

- Como podemos começar a imaginar novos métodos de evangelização?
- Que pode fazer a Congregação para facilitar uma renovação de nossos métodos de evangelização?

iii) Na missão compartilhada: Muitas Unidades têm reconhecido nossos colaboradores leigos como agentes da missão e cada vez mais leigos se integram em nossos esforços

apostólicos. Esse é um desenvolvimento relativamente novo em muitas Unidades. Foram tomadas medidas provisórias, mas é preciso fazer mais.

- De que formas concretas podem os nossos colaboradores leigos revitalizar a missão da Congregação?
- Como asseguramos uma maior integração de nossos colaboradores leigos como agentes da missão em nossa atividade apostólica?
- Que ajuda prática necessita:
 - o No nível da Comunidade local
 - o No nível da Unidade
 - o No nível da Conferência
 - o No nível do Governo Geral?

87. Todavia, essa nova presença missionária requer uma urgente reestruturação interna das Unidades, dando prioridade à presença e escolhendo, de fato, prioridades missionárias e apostólicas muito realistas e inclusive audazes.

- Que ajuda concreta é necessária para assegurar uma reestruturação interna integral das Unidades da Congregação?
- Que tipo de orientação é necessária? De onde?

2.Solidariedade com o mundo ferido

88. O 25º Capítulo Geral ofereceu-nos quatro princípios de solidariedade missionária para guiar-nos em nossa vida missionária:

- a) os recursos da Congregação estão ao serviço da missão,
- b) devemos viver com simplicidade e generosidade em solidariedade com os pobres,
- c) gerir nossos recursos com integridade faz parte do nosso testemunho de solidariedade missionária,
- d) a liderança e o governo fortalecem e aprofundam a solidariedade missionária em todos os níveis.

89. As profundas feridas do nosso mundo foram agravadas pela pandemia da Covid-19. Todos temos comprovado por nós mesmos o impacto devastador que ela teve entre os pobres. Um selo de nossa identidade redentorista é nossa opção pelos pobres e os mais abandonados.

- Essa opção se reflete no uso de nossos recursos?
- Como nos asseguramos de usar nossos recursos ao serviço da missão e dos pobres de acordo com o plano apostólico?
- Que ação concreta se requer no nível de
 - o Comunidade
 - o Unidade
 - o Conferência
 - o Governo Geral

90. Com frequência nossas casas ficaram no centro das cidades e vivemos uma vida cômoda e ordenada, muito distante das realidade daqueles a quem somos chamados a servir.

- Quais passos devemos dar para assegurar que vivemos um estilo de vida simples, transparente, integral e generoso em solidariedade com os pobres?
- Como promover um estilo de vida mais próximo dos destinatários de nossa missão – os migrantes, os abandonados, os necessitados, as periferias geográficas e existenciais.

91. Prevê-se que no contexto posterior à pandemia nossos recursos financeiros serão seriamente afetados. Isto será um desafio!

- Como podemos assegurar criativamente os fundos necessários para a missão?
- Como podemos distribuir melhor os recursos financeiros e de pessoal nas novas Unidades reconfiguradas e entre as Unidades mais necessitadas?
- De que maneira o governo Geral, seus Secretariados, Coordenadores e Superiores Maiores podem exercer uma liderança e uma verdadeira animação neste âmbito?

92. A transparência econômica entre as Unidades que se reconfiguram de diferentes formas é parte da vivência da solidariedade. Os bens pertencem à Congregação e são administrados pelas Unidades. Cada vez mais Estados supervisionam as transações e as contas financeiras. Para nós não é só um dever civil, mas também moral, porque os recursos de que dispomos devem estar bem administrados em favor da missão da Congregação em seus diversos contextos. Para ajudar-nos nisso contamos com o Manual de Administração e Gestão Financeira.

- Que devemos fazer em todos os níveis para assegurar o cumprimento das políticas de boas práticas descritas no Manual?

3. Formação para a Missão numa Congregação reconfigurada

93. A Congregação apostou na formação comum de nossos formandos nas diferentes etapas do processo como caminho do futuro. A formação comum deve preparar os jovens redentoristas para um novo futuro, especialmente através de noviciados e teologados comuns em cada Conferência. É necessário que essa formação se centre mais na vida consagrada redentorista, na missão, na vida comunitária na convivência intercultural, superando obstáculos linguísticos e culturais. Não obstante, para que isto se torne realidade, é necessário investir fortemente na promoção vocacional, tornando-a uma verdadeira prioridade, investindo em pessoal, compartilhando recursos econômicos, garantindo uma comunicação adequada, uma linguagem atualizada e a formação de formadores. Além disso, é cada vez mais imprescindível oferecer um programa de acompanhamento sobre a transição do ministério e sobre a vida consagrada para sacerdotes e irmãos. Um programa de formação revitalizado e reimaginado é fundamental para equipar os futuros Redentoristas para os desafios do Espírito manifestados em diferentes contextos.

- Quais são os obstáculos para a formação comum em sua Unidade/Conferência?
- De que formas concretas pode a Congregação responder a esses desafios?

94. A formação é um processo que dura a vida toda. No entanto, as Unidades lutam para oferecer programas que respondam às necessidades dos confrades nessa área. Muitos confrades sentem que não estão preparados para responder aos novos desafios que enfrentam.

- Como respondemos às necessidades dos confrades para a formação permanente?
- Que ajuda concreta pode dar a Conferência, o Governo Geral?

95. Ainda não conseguimos unir nossos recursos teológicos para a missão de maneira mais eficiente e ainda trabalhamos de forma isolada. A reflexão teológica aplicada e, sobretudo, a teologia moral, segundo nossa tradição moral, embora seja de grande atualidade, não foi incrementada, desenvolvida e fortalecida, especialmente no que se refere aos novos temas da pós-modernidade.

- Quais recomendações ou propostas Você tem para que nossos recursos teológicos estejam ao serviço da missão?
- Como fomentar uma maior reflexão teológica sobre a missão da Congregação hoje?

96. Tanto a formação inicial como a permanente devem ampliar a visão do que significa ser Redentorista no contexto atual e ajudar os estudantes e confrades a preparar-se para ser um corpo missionário dinâmico disponível para a missão com uma linguagem apropriada aos novos tempos.

- Como?

4. Governo e administração

97. Embora tenhamos alguns líderes excelentes na Congregação, existe preocupação pelo tipo de liderança que precisamos para nosso tempo. Cada vez é mais difícil encontrar confrades que aceitem tarefas de liderança. Existe uma necessidade sentida de um novo estilo de governo e administração na Congregação. Pode ser que os últimos seis anos tenham sido decepcionantes para alguns em termos de resultados visíveis, mas continua havendo um forte desejo de seguir adiante. Alguns têm a impressão de que a liderança atual da Congregação não está impulsionando o processo de reestruturação com força suficiente: aceita-o, mas não é bastante convincente ou inspirador para motivar os confrades. Os líderes e seus governos devem trabalhar pela solidariedade missionária em todos os níveis. Muito depende de que a liderança seja veraz e participe decididamente na construção da solidariedade, em todas as suas dimensões. Isto requer superar visões reducionistas e requer uma visão ampla da Congregação.

- Quando falamos de um “novo” estilo de liderança, a que nos referimos?
- Quais são as características que queremos em nossos líderes?
- O que se requer para assegurar que tenhamos líderes que sejam capazes de responder às necessidades e desafios atuais?

Nova liderança no nível Geral, da Unidade e Local

98. Em relação com a liderança e o governo, hoje parece haver uma tensão. Por um lado, existe uma forte crença nos princípios de subsidiariedade e corresponsabilidade, ao passo que, por outro, faz-se um apelo aos líderes para que atuem com mais decisão.

99. Precisamos passar de uma compreensão da liderança em termos de responsabilidade concentrada numa pessoa a uma visão de liderança compartilhada, que é a responsabilidade de uma equipe. É importante que recorram a conselheiros especializados que os ajudem a consolidar o processo e abrir-lhes novos horizontes. Devem animar os confrades nas diferentes áreas de nossa vida apostólica, estar atentos ao diálogo, ser resilientes, gerir conflitos, comunicar processos, trabalhar junto aos superiores comunitários e assegurar as necessárias transições de um mandato a outro em todos os âmbitos da administração e cuidado pastoral. Há uma falta muito forte de continuidade de projetos na Congregação. Todos querem deixar suas próprias marcas, às vezes abandonando tudo o que se fazia anteriormente.

- Como se resolve a tensão entre subsidiariedade e centralização? O que se deseja ou se teme com uma maior ou menos centralização do governo? Até que ponto o Governo Geral deve ser proativo para garantir a aplicação das decisões adotadas?
- Como podemos passar de uma liderança que amiúde se centra nas personalidades a uma liderança compartilhada por uma equipe?
- Como eliminar o aspecto “político” na eleição de líderes em todos os níveis?

100. Talvez uma das dificuldades do processo de reestruturação tenha sido a falta de partilhar e promover todo o processo no nível da Unidade, das Comunidades e dos próprios confrades. Esse processo de conscientização é crucial para o êxito do processo de reestruturação. Para continuarmos a viagem, devemos ser mais sérios em encontrar novas formas de avançar de uma maneira mais sistemática e organizada e com um planejamento claro apesar dos desafios que a pandemia traz. É necessário continuar consolidando o processo de discernimento e a tomada de decisões seguindo a direção da Reconfiguração que as Unidades tomaram. Devemos reconhecer o fato de que foram tomadas decisões. É possível que a pandemia tenha atrasado sua implementação, mas é essencial que agora se implementem, reconhecendo ao mesmo tempo que algumas podem precisar ser adaptadas.

- Quais são os temores de implementar decisões já tomadas?
- Como enfrentamos esses medos?
- Há decisões que devem ser revistas à luz dos acontecimentos recentes?

101. No próximo sexênio, o novo Governo Geral deverá desenvolver um Plano Estratégico junto com os Coordenadores, identificando os pontos mais vulneráveis no processo de Reestruturação, e acompanhar as Unidades apoiando-as através de visitas e utilizando as Assembleias das Unidades como meio para animar a vida apostólica da Congregação. Para promover a corresponsabilidade nas linhas indicadas em nossas Constituições e Estatutos, e as indicações que virão do próximo Sínodo dos Bispos, será necessário um papel mais proativo da parte de nosso governo Geral e dos Governos de Unidade na animação da Congregação, das Unidades, Comunidades e Confrades.

- De que maneira sugere que nossos distintos níveis de governo sejam mais proativos na vida da Congregação?

5. Plano Apostólico e de Reconfiguração

102. Para impulsionar o processo de Reestruturação, é fundamental realizar uma reestruturação dentro de Unidades e Conferências, e também mais além dos confins de Unidades e Conferências. Consiste em avaliar nossas estruturas existentes e, se necessário, deixar as que já não são relevantes e transferir-nos para lugares mais adequados para a missão com os pobres. Urge levar a sério os Planos Apostólicos e aprovados.

- Enquanto nos preparamos para a Fase Canônica do 26º Capítulo Geral, pedimos a cada Conferência que prepare um Plano Estratégico concreto para aplicar os Planos Apostólico e de Reconfiguração já aprovados. O Plano Estratégico exporá os passos que se deve dar, um calendário definitivo com datas que determinem os vários passos, e uma indicação de quando se completarão esses passos. Esses planos poderiam ser confirmados ou modificados pela Fase Canônica do 26º Capítulo Geral. É preciso levar em conta que todas as (Vice-)Províncias e Regiões que não o tenham devem cumprir os requisitos do Estatuto Geral 088. As Províncias, Vice-Províncias e Regiões que não cumprirem com tais requisitos devem deixar de existir antes do 27º Capítulo Geral.

103. É fundamental que não percamos de vista os Planos Apostólicos das Conferências. Esses planos devem desempenhar um papel fundamental na forma em que empreenderemos nossa missão nos próximos anos. Reconhece-se que deverá ser revisado periodicamente nas Assembleias com o fim de adaptar-se às circunstâncias mutantes. Compete às atuais Unidades implementá-los concretamente escolhendo as prioridades missionárias e apostólicas que lhes dizem respeito e estabelecendo, se necessário, comunidades interprovinciais para realizá-las. A partir de agora devemos ser conscientes de que estamos trabalhando com transformações sociais a curto prazo, escassez de recursos humanos e econômicos e crescentes desafios pastorais. Não podemos mais continuar mantendo-nos à margem.

104. Em todas essas áreas de interesse, encorajamos a realizar um diálogo honesto, à luz do mundo em que vivemos, e depois adotar o compromisso da imaginação para responder. Essa resposta pode motivar os agentes envolvidos em nossa missão, pode convidar a uma maior solidariedade entre nós e com os novos agentes de nossa missão, e pode fomentar a criatividade nas prioridades apostólicas que respondem à nossa missão no mundo de hoje.

CONCLUSÃO: DIANTE DO FUTURO...

105. Desde seus inícios, a Congregação sempre tem buscado ser fiel ao Espírito Santo e ler os sinais dos tempos. Isto sempre implicou uma tensão criativa entre as forças de manutenção e as de renovação. Afinal, sempre prevaleceu o Espírito que age nos corações para converter, discernir e tomar decisões para responder ao anúncio da copiosa redenção. Nos últimos tempos se está produzindo essa dialética e há um desejo de renovação para responder à nossa missão no mundo. Inclusive naquelas Unidades que não estão totalmente a favor da Reestruturação, são conscientes de que a mudança é necessária. Essa autocrítica é fundamental na busca da fidelidade criativa. Isso é evidente nas respostas das Unidades à Comissão Preparatória do 26º Capítulo Geral. Há consciência de que o processo de reestruturação, de renovação, deve prosseguir, ser criativo, não estar preso a estruturas que sufocam o carisma e de que devemos avançar fortes na fé, alegres na esperança, fervorosos na caridade, disponíveis para as coisas mais difíceis, e em solidariedade com a missão de dar testemunho do Redentor nesse mundo ferido.

106. O 26º Capítulo Geral poderia ser um dos mais importantes dos últimos tempos na renovação de nossa vida apostólica. Seremos valentes na direção que devemos tomar? Responderemos às impressões do Espírito, especialmente em um contexto pós-pandêmico onde o mundo já não é o mesmo? Como responderemos, como Congregação, sendo fiéis ao Espírito, ao Evangelho e ao carisma fundacional? Depende de cada um de nós...'

9300

CONFERÊNCIA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE



História da Conferência da América Latina e Caribe

A solidariedade na missão e formação da América Latina e Caribe nasceu do desejo de pôr em prática os princípios, valores e propostas do Vaticano II e da Conferência de Medellín. Desde os anos '70 houve várias atividades e encontros no nível de toda a América Latina e Caribe, por exemplo, o primeiro encontro de equipes de missionários populares em Aguas Buenas, Porto Rico, um Curso de Afonsianismo em Bogotá por volta de 1978, algumas missões interprovinciais etc. A Conferência da América Latina e Caribe foi erigida pelo XXIV Capítulo Geral em 2009 (cf. dec. 2.1,2.2).

A URB (União dos Redentoristas do Brasil)

A URB teve início com a reunião dos Superiores Maiores do Brasil, formada pelas Províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e as Vice-Províncias de Porto Alegre, Brasília (agora Goiás), Manaus e Fortaleza. A primeira reunião foi realizada nos dias 25 e 26 de agosto de 1964 em Belo Horizonte, na Casa de Retiros São José. Os temas tratados foram a entidade jurídica da Congregação no Brasil, a formação (criação de centros de estudos comuns de filosofia e teologia), as vocações, as missões, as novas fundações, o intercâmbio entre Vice-Províncias e Províncias e a criação de um Instituto Redentorista de Religiosas para colaborar com todo o trabalho missionário. A segunda reunião, nos dias 24 e 25 de janeiro de 1965, foi celebrada em São Paulo (Convento da Penha), e nela participaram, além dos já mencionados, os representantes da Vice-Província do Recife e da Missão de Propriá.

Desde então até hoje, a URB tem realizado diversas iniciativas nas áreas de Formação, Missões Populares, Santuários, Paróquias, Fundações, Assistência entre Vice-Províncias, Comunicações e outras. A URB é formada pelas Províncias de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Porto Alegre e Campo Grande, as Vice-Províncias de Fortaleza, Recife, Bahia, Manaus e a Missão do Suriname.

URNALC (União dos Redentoristas do Norte da América Latina)

Em 1982 foi organizado o Teologado Interprovincial de Tlalpizáhuac, México, no qual participaram Equador, Colômbia, Venezuela, América Central e México e houve evidentemente um grupo de Provinciais que organizaram e apoiaram o trabalho que depois se desintegrou para 1987. Essa foi a gênese da URNALC. Mas não estava organizada como estrutura jurídica. O ano 2005 foi decisivo para a URNALC devido a uma reunião dos superiores de todas as Unidades, Regiões e Missões da sub-região Norte. Com a assessoria dos Pes. Enrique López, C.Ss.R. (Conselheiro Geral) e Ulysses da Silva, C.Ss.R. (membro da primeira Comissão para a Reestruturação), que animaram e dirigiram as Unidades a uma maior Solidariedade e Colegialidade com relação a toda a Missão e Formação redentorista dessa Região. Esses começos facilitaram grandemente a consolidação e todo o processo e a visão atual da Reestruturação e da Reconfiguração. A URNALC atual às vésperas do XXVI Capítulo Geral está composta pelas Províncias de Bogotá, México, Quito, São João, América Central, Vice-Províncias de Caracas, Peru Norte, Região de Porto Príncipe (Haiti) e Missão de Cuba.

URSAL (União dos Redentoristas do Sul da América Latina)

O Cone Sul era formado pelas Províncias de Buenos Aires e Santiago (Chile) e as Vice-Províncias de Resistência, Assunção, Pilar, Peru Sul e Norte, Bolívia, a Região de Lapaz, o Vicariato de Reyes e a Missão de Tupiza, que depois se tornou a Província da Bolívia. O norte do Peru passou a fazer parte do Cone Norte. Em 2010 as Vice-Províncias de Assunção e Pilar se unem para formar a Província do Paraguai. Na reunião Precapitular de 1991 em Valparaíso, Chile, a coletividade de Unidades recebeu o nome de URSAL. De 1991 a 1995 a sub-região se organizou melhor com a eleição de um coordenador entre os Superiores Maiores para animar e acompanhar melhor a vida apostólica, a partir de seis áreas: Formação, Espiritualidade Redentorista, Missões Populares, Pastoral Juvenil, Irmãos e Leigos Redentoristas. A URSAL está formada pelas Províncias de Buenos Aires, Santiago (Chile), Bolívia, Paraguai, e as Vice-Províncias de Peru Sul e Resistência e a Missão do Uruguai.

O PLANO APOSTÓLICO E O PROJETO DE RECONFIGURAÇÃO

O **Plano Apostólico** recolheu as contribuições das Unidades e dos confrades da Conferência, apresentadas em vários encontros seguindo as orientações da Comunicanda 1/2017, Revitalizar nossa Vita Apostolica. Baseado nas Linhas Prioritárias da Ação Missionária Redentorista, aprovadas na 2ª Assembleia da Conferência em 2012, projeta uma proposta apostólica que unifica a mística, espiritualidade e carisma redentorista, com a obra missionária da Congregação. Tendo como prioridade as pessoas (congregados, interlocutores na missão, leigos e família religiosa redentorista), resgata os elementos fundamentais da missão: a) Atitude de êxodo: saída para os interlocutores da missão (abandonados e pobres); b) Anúncio da redenção em Cristo: conversão e opção fundamental por Jesus Cristo; c) Opção pela justiça: compromisso com a transformação da realidade e opção evangélica pelos pobres. Seu objetivo é explicitado nos capítulos que seguem: Urgências pastorais; Prioridades da Missão: Linhas de Ação e Projetos Comuns.

Como parte integrante do Plano Apostólico, o **Projeto de Reconfiguração** que reduz as atuais 14 Províncias, 8 Vice-Províncias, 2 Regiões e 2 Missões do território da Conferência para 7 novas Províncias, tem por objetivo: revitalizar nossa “Vita Apostolica”; diminuir estruturas, liberar e destinar recursos para a missão. Sua preocupação fundamental é com a missão, tendo como base os princípios da solidariedade. Mais importante que o mapa, são os princípios e objetivos da reconfiguração; e os processos a serem implementados, que deverão ajudar na superação do provincialismo e do isolamento das Unidades. Levando em conta a realidade da América Latina e do Caribe, se reconhece que o que nos leva a reconfigurar nossas Unidades “não é o inexorável da situação presente e o desespero pela sobrevivência, e sim nosso amor ao povo (sobretudo o mais abandonado e pobre) e nossa sensibilidade para ver com os olhos de Deus a realidade atual. Não mudamos por obrigação, mas por fidelidade à nossa vocação”.

Reconfiguração

A VI Assembleia da Conferência da América Latina e Caribe, celebrada no México em 26 de junho de 2019, aprovou a nova reconfiguração das (Vice-)Províncias, reduzindo o número de (Vice-)Províncias a apenas 7 Províncias:

- 1) *Região América Central e Caribe*: Províncias da América Central, San Juan e Região de Porto Príncipe e Missão de Cuba;
- 2) *Região Amazônia hispana*: Províncias de Bogotá, Quito e a Vice-Província de Caracas;
- 3) *Região andina*: Províncias da Bolívia e Vice-Províncias de Peru Norte e Peru Sul;
- 4) *Norte-Sul do Brasil*: Províncias de Campo Grande, Porto Alegre e Vice-Província de Manaus;
- 5) *Cone Sul*: Províncias de Buenos Aires, Paraguai, Santiago (Chile), Vice-Província de Resistência e Missão do Uruguai.
- 6) *Região nordeste-centro leste*: Província de Goiás e Vice-Províncias de Fortaleza e Recife.
- 7) *Região Bahia e Sudeste do Brasil*: Províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Vice-Província da Bahia e Missão do Suriname. A Província do México passou a fazer parte da Conferência da América do Norte.



Distribuição por Ministério dos confrades atualmente ativos: (abril de 2021)

Conferencia - Ministerio	Europa	América del Norte	América Latina y el Caribe	Asia- Oceanía	África y Madagascar
Total de miembros activos:	617	309	884	807	306
Parroquias:	332 = 54%	144 = 47%	401 = 46%	321 = 40%	170 = 56%
Santuarios:	164 = 26%	23 = 7%	163 = 19%	135 = 17%	08 = 3%
Misiones Populares:	122 = 22%	25 = 8%	78 = 9%	220 = 28%	42 = 14%
Pastoral Social:	51 = 9%	06 = 2%	23 = 3%	57 = 7%	14 = 5%
Medios de comunicación:	41 = 7%	09 = 3%	07 = 1%	38 = 5%	07 = 2%
Formación:	33 = 6%	15 = 5%	103 = 12%	102 = 13%	36 = 12%
Administración:	36 = 6%	16 = 6%	71 = 8%	82 = 11%	16 = 6%

